

Lições benéficas

Beneficial lessons

<https://doi.org/10.26512/rhh.v11i22.52415>

GINZBURG, Carlo; PROSPERI, Adriano. *Jogos de paciência: um seminário sobre o Benefício de Cristo*. Tradução Tiago Gil, Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022.

Rodrigo Bentes Monteiro

Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0002-6499-9912>

rnbentesmonteiro@id.uff.br

Resumo

Trata-se de resenha do livro de Carlo Ginzburg e Adriano Prosperi sobre um texto impresso na primeira metade do século XVI italiano, procurando ressaltar os benefícios de uma investigação lenta para a descoberta dos sentidos da produção do texto matricial, sua revisão que resulta no impresso, e sua proibição. Destaca-se o trabalho em equipe que relaciona ensino e pesquisa em história. Por outro lado, a investigação apresenta lacunas pela falta de contato com o único exemplar impresso original conhecido.

Palavras-chave

Historiografia; Metodologia; Hermenêutica; Filologia

Abstract

This is a review of the book by Carlo Ginzburg and Adriano Prosperi on a text printed in the first half of the 16th century in Italy. The review seeks to highlight the benefits of a slow investigation for uncovering the meanings of the production of the matrix text, its revision that results in the printed text, and its prohibition. The collaborative work that relates teaching and research in history is also highlighted. On the other hand, the investigation presents gaps due to the lack of contact with the only known original printed copy.

Keywords

Historiography; Methodology; Hermeneutics; Philology

Quais são as vantagens em expor o *making of* de uma pesquisa? Uma investigação feita há cerca de meio século pode iluminar procedimentos metodológicos contemporâneos? A experiência vivida por dois historiadores italianos com 30 e poucos anos na primeira metade dos anos 1970, recentemente editada no Brasil na tradução escorreita de Tiago Gil e Romulo Salvino, pode responder a essas questões. Professores de departamentos distintos na Universidade de Bolonha, Ginzburg e Prosperi reuniram alunos de graduação de duas turmas num seminário para estudar um escrito enigmático: o conhecido e mal compreendido *Benefício de Cristo*, de autoria anônima, impresso em Veneza em 1543. Uma nova edição crítica do tratado de pequena extensão seria publicada em 1972 com o texto “original” em italiano – reproduzido a partir de um único exemplar encontrado em Cambridge e republicado em fac-símile em 1855 –, três traduções impressas no século XVI e documentos correlatos, como a refutação do dominicano Ambrogio Catarino Polito, publicada em Roma primeiramente em 1544.

Historiadores, alunas e alunos empreendem então uma leitura lenta e compartilhada do texto da reedição naquele momento em preparo de Salvatore Caponetto, dividindo-se pelos seis capítulos desta. Antes e durante houve discussões sobre temas contextuais do fim do século XV e da primeira metade do XVI, primeiro de forma mais abrangente na península itálica, questionando-se por exemplo a procedência do termo Reforma católica para resumir a conjuntura em tela, depois com o foco em figuras relacionadas à obra: a réplica de Catarino, Lutero e Calvino (há trechos escritos do último reformador no impresso de 1543, que foram identificados em 1961), o grupo em torno de Juan de Valdés (escritor espanhol exilado em Nápoles na década de 1530), o humanista Marco Antonio Flaminio como autor (na verdade seria um revisor) do *Benefício*.

O método de leitura lenta e incessantemente refeita parte de uma sensação de estranhamento rumo à explicação paulatina do texto, no entrecruzamento com outras informações. O caminho não é inocente, pois vem da práxis anterior dos dois historiadores com o mestre de ambos Delio Cantimori, em Pisa, inspirado por sua vez na filologia de Giorgio Pasquali.¹ Trata-se, no caso, de compreender o texto como uma expressão da literatura de piedade não raro anônima e circulante à época, e de datar a sua redação antes do impresso de 1543. Esses são os pressupostos dos professores/historiadores, para quem o tema já era familiar: Cantimori possuía um trabalho seminal

¹ PASQUALI, Giorgio. *Filologia e storia*. Firenze: Felice Le Monnier, 1920; PASQUALI, Giorgio. *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 1988 [1934].

sobre hereges italianos na primeira metade do século XVI,² assunto que depois foi desenvolvido por Ginzburg em estudos monográficos,³ enquanto Prosperi trilha a senda dos processos e controles de consciência,⁴ que resultaria décadas depois num trabalho maior.⁵ Ademais, a inovação didática que converte o seminário em oficina adquire especial sentido nos anos pós 68, com a estrutura tradicional de cátedra sendo então questionada.

Nesse ambiente, a aluna Carla Faralli observa discrepâncias entre a refutação de Catarino e o impresso do *Benefício*, e constata que o dominicano refutou uma primeira versão do texto, provavelmente manuscrita, hoje desaparecida. Todos põem-se a buscar incongruências entre a refutação e o *Benefício* publicado em 1543. Uma descoberta decisiva para a pesquisa, ao evidenciar a escrita primeira do monge beneditino Benedetto Fontanini, de Mântua, ofuscada pela revisão do flamejante humanista. Foi possível assim ordenar uma cronologia hipotética: 1) redação de Benedetto de Mântua em 1542; 2) censuras manuscritas de Catarino em 1542; 3) provável revisão de Flaminio em maio de 1542; 4) impressão do *Benefício* revisado por Flaminio em 1543; 5) impressão do *Compêndio* refutador de Catarino em março de 1544.

Em busca do proto-*Benefício*, estudantes e professores passam a trabalhar a versão impressa como um texto descontínuo e heterogêneo, com duas escritas sobrepostas. A primeira de Benedetto de Mântua, desde 1511 um monge beneditino, entre 1534 e 1537 reitor de dois mosteiros, talvez depois estabelecido em Nápoles. Após a redação do *Benefício*, Benedetto seguiu o visionário Giorgio Siculo, seu confrade desde antes, traduzindo os escritos deste do siciliano para o italiano. Após o enforcamento de Siculo como herege em Ferrara em 1551, não há mais notícias de Benedetto. Por sua vez, Marco Antonio Flaminio nasceu em Treviso em 1498, sendo filho de um humanista, e assim integrou círculos universitários e curiais ao longo da vida. Protegido de cardeais, Flaminio foi também acusado de ser luterano. Em Nápoles frequentou

2 CANTIMORI, Delio. *Eretici italiani del Cinquecento*. A cura de Adriano Prosperi. Torino: Einaudi, 2002 [1939].

3 GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1976]; GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 [1966].

4 PROSPERI, Adriano. *Tra evangelismo e Controriforma*. G. M. Giberti (1495-1543). Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1969.

5 PROSPERI, Adriano. *Tribunais da consciência. Inquisidores, confessores, missionários*. Tradução Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Edusp, 2013 [1996].

o ambiente de Valdés. Numa discussão epistolar, ele defendeu o agostinismo mais intransigente. Em 1541 deixou Nápoles e foi para Viterbo, onde traduziu escritos de Valdés e revisou o *Benefício* para publicação. Morreu em Roma em 1550 como um bom católico, mas no pontificado de Paulo IV seria provavelmente considerado um herege.

As biografias dos dois autores colocam armadilhas para os historiadores contemporâneos: pelo perigo em se analisar o *Benefício* de modo retrospectivo; ou pelo risco do chamariz de nomes associados à dita Reforma italiana, que podem engessar leituras em torno de líderes protestantes, hereges e heterodoxos mais conhecidos. Ao ler os textos de alguns desses nomes de forma comparada ao *Benefício*, no caso de Valdés se constata os temas recorrentes da misericórdia de Deus e do perdão geral. Mas isso não significa que houve uma interpolação de fontes. Por outro lado, os trechos copiados de Calvino decorrentes da revisão de Flaminio não necessariamente caracterizam o *Benefício* como um escrito protestante. Em outras palavras, os pressupostos dos historiadores/professores distanciam-se de leituras ideológicas, mais condicionadas pela perseguição inquisitorial e pela polarização de posturas. Esses aspectos tiveram grande repercussão historiográfica no século XX.⁶

Assim, o vínculo do *Benefício* com a dita Reforma italiana se dissolve pela leitura minuciosa dos capítulos. Entre esses, dois provavelmente foram bem reformulados por Flaminio. Numa análise filológica autoqualificada como grosseira, professores e estudantes destrincham, como se usassem facas, o texto por contraste, entre passagens atribuídas a um agostiniano Flaminio (portanto, com ênfase na graça divina) e outras a um Benedetto “pelagiano” – termo pejorativo para a vertente religiosa que rejeitava a predestinação e defendia o livre-arbítrio, seguindo supostamente o herege Pelágio, antagonista de Agostinho. Por outro lado, uma linha entre o herege Siculo e o monge beneditino começa a tomar forma, pois ambos reforçavam o tema da impecabilidade – conforme Cantimori, um “misticismo da redenção”.⁷ As intervenções de Flaminio na redação, com cola ou tesoura, mascaram parcialmente um texto original, à maneira de um quadro repintado ocultando autor e data – nesse tempo Ginzburg já se interessa pela escola de Warburg. Mas atribuir a Flaminio tudo o que não encaixa como um texto beneditino-

6 MONTEIRO, Rodrigo Bentes. “As Reformas Religiosas na Europa Moderna. Notas para um debate historiográfico”, *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p. 130-150, jan./jun. 2007.

7 CANTIMORI, Delio. *Eretici italiani del Cinquecento*. A cura de Adriano Prosperi. Torino: Einaudi, 2002 [1939].

pelagiano seria fácil demais, e um capítulo está repleto do termo *predestinação*. Mais uma vez, a aluna Faralli contribui: no *Benefício* a predestinação não aparece no sentido calvinista, mas como uma doce predestinação universal, voltada a todos. As palavras por vezes enganam. Após algumas viagens infrutíferas de Ginzburg e Prosperi a arquivos e bibliotecas, o quadro hipotético se reconfigura: 1) redação do *Benefício* por Benedetto em 1540 ou pouco antes; 2) o texto de 1540 é formalmente revisado por Flaminio; 3) esse texto tem circulação manuscrita e uma cópia chega a Catarino, que escreve suas censuras também com circulação manuscrita; 4) na primavera de 1542 Flaminio trabalha numa revisão mais substancial para responder às críticas de Catarino; 5) no verão de 1543 o *Benefício* é impresso; 6) em março de 1544 o *Compendio* de Catarino é publicado em Roma.

Uma caça por interpolações – lembrando o célebre ensaio posterior de Ginzburg⁸ – começa então no seminário. Com atenção ao tema fulcral da eucaristia e suas diferentes concepções, os pesquisadores tentam identificar trechos de Flaminio e Benedetto no texto impresso. De um lado, um discurso positivo e sem polêmicas; de outro, ideias ásperas com trechos de Calvino contra os falsos cristãos. Há descontinuidades de estilo e conteúdo, além de documentos externos ao texto. Mas o texto refutado por Catarino já tinha os trechos apropriados de Calvino. Há assim duas hipóteses: a) Calvino já estava presente no proto-*Benefício*; b) Calvino foi inserido por Flaminio na primeira fase da reelaboração, antes da leitura de Catarino. Evidências externas corroboram a segunda alternativa.

Para os historiadores, a busca por interpolações pode ocorrer num terreno escorregadio, na prática de uma filologia imaginativa no fundo similar aos métodos perceptivos utilizados na história da arte. Ou seja, trata-se de reconstruir um texto fisicamente inexistente sem evidências empíricas concretas, embora o manuscrito do proto-*Benefício* pudesse aparecer um dia num arquivo ou biblioteca. O seminário termina, e Ginzburg e Prosperi recomeçam a ler o texto pela enésima vez. Os capítulos IV e VI, maiores, foram os mais retrabalhados por Flaminio.

Focalizam o capítulo IV, centrado na justificação e relação entre fé/obras no justificado. Eliminam do capítulo as criptocitações calvinistas vindas de Flaminio. Para o pelagiano Benedetto, o cristão justificado só realizava obras

8 GINZBURG, Carlo. "Sinais: Raízes de um paradigma indiciário". In: Mitos emblemas sinais. Morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1986], p. 143-179.

perfeitas; mas para o agostiniano Flaminio essas eram defeituosas. Seguem essa linha como se usassem uma tesoura, produzindo uma recomposição provisória de dois textos: o capítulo original de Benedetto e as inserções de Flaminio. Refazem assim o quadro interpretativo: a) o texto de Benedetto sustenta a certeza na predestinação como estímulo às boas obras; b) Catarino inverte essa lógica, afirmando que a certeza da predestinação é um incentivo ao pecado; c) Flaminio, com base na refutação manuscrita de Catarino, suprime ou distorce passagens de Benedetto. Mas por que há enxertos com contradições?

Certo, havia uma linguagem comum pelos contatos de Flaminio e Benedetto com o círculo de Valdés, e ambos criam no Deus misericordioso que socorria aos homens pelo sacrifício do filho – o benefício de Cristo. Sem resolver todas as questões, os historiadores redesenham a cronologia: 1) Benedetto elabora o proto-*Benefício* em 1540 ou pouco antes; 2) primeira revisão não apenas formal de Flaminio; 3) circulação deste texto nos círculos do evangelismo italiano entre os valdesianos de Nápoles, em Viterbo e Roma; 4) o texto é lido por Catarino, que redige as suas censuras; 5) nova revisão de Flaminio responde às críticas de Catarino na primavera de 1542; 6) em 1542 um manuscrito do *Benefício* chega a Verona e é considerado herético; 7) primeira impressão do *Benefício* no verão de 1543; 8) censura e proibição na diocese de Verona na segunda metade de 1543; 9) em março de 1544 Catarino publica o *Compêndio* após ler a censura veronesa.

Ginzburg e Prosperi voltam a Bolonha à caça de beneditinos pelagianos, vendo sobretudo impressos surgidos na Itália daquele tempo sobre a misericórdia de Deus, livre-arbítrio, predestinação e temas correlatos, escritos de forma positiva e não polêmica. Esses tópicos se repetem na literatura de preparação para a morte, então em voga. Antes de discussões mais filosóficas, havia uma tendência a ver a predestinação sem ameaças ou perturbações. Como vimos, o epíteto pelagiano aplicava-se aos católicos que insistiam na importância das obras para fins de justificação, diminuindo o papel da graça divina. Mas a realidade era mais complexa.

Nesse âmbito, os escritos de João Crisóstomo veiculavam as teses mais extremas de Pelágio, sendo comentados por um beneditino um tanto neoplatônico que defendia o livre-arbítrio, e quase a impecabilidade. Na esteira de Crisóstomo, o pecado original praticamente desaparecia, devido ao fácil perdão divino aos cristãos. Aquele monge negro foi confrade de Benedetto em dois mosteiros. A impecabilidade e a liberdade de arbítrio estavam nas obras impressas de autores beneditinos, numa tradição antiga e avessa à teologia escolástica. Os historiadores assim adentram uma seara mais despreendida da

etiqueta genérica do misticismo valdesiano, no fundo mais distante do *Benefício*. Interrogam-se como o *Benefício* impresso foi lido pela massa anônima que garantiu o seu sucesso, logo reprimido pela Inquisição romana, com o livro sendo rotulado como luterano – quase todos os exemplares desse foram destruídos. Leituras inocentes deixavam de sê-lo, ao caírem em redes persecutórias. Todavia, o *Benefício* podia ser lido como um livro doce oferecendo conforto e consolação, uma arte de bem morrer capaz de resgatar o moribundo da tentação diabólica do desespero – tradicionalmente visto como pecado contra o Espírito Santo.

Durante o outono eles continuam a trabalhar na biblioteca com textos. Em janeiro de 1973 fazem mais uma expedição, desta vez ao arquivo de Mântua, para conferir a correspondência do cardeal Ercole Gonzaga, na qual encontram menções ao beneditino neoplatônico, a Benedetto Fontanini e à prisão de Siculo. As ideias deste último eram o signo radical da linha beneditina ora identificada. O profeta falava de um advento próximo de Cristo, e para alguns ele era a própria encarnação desse. A chama mística propagou entre beneditinos da península itálica, com uma mensagem herética que convidava ao nicodemismo, no disfarce das posições. Siculo divergia da postura protestante ao exaltar a misericórdia de Deus, defender o livre-arbítrio, rejeitar a distinção entre eleitos e réprobos e pregar a eleição universal para a salvação. Essas eram também as ideias de Benedetto de Mântua, ressurgido no *Benefício* atrás das intervenções heterogêneas de Flaminio.

Em fevereiro de 1974, Ginzburg e Prosperi retomam o trabalho para descrever a trajetória da pesquisa em detalhes, com seus pressupostos, erros, idas e vindas – e não de maneira concisa, como os resultados são geralmente apresentados em livros e artigos de história, ou em reflexões metodológicas de cunho mais teórico e bem distantes da pesquisa concreta. Por fim, exibem um diagrama tríplice, com os *pressupostos* necessariamente existentes, o papel do *acaso* na investigação e a *erudição filológica* capaz de ratificar ou relativizar ideias iniciais. No caso em tela, a suposta inexistência de uma Reforma católica e a hipótese de uma linha beneditino-pelagiana foram confirmadas na rica, complexa e ainda relativamente livre religiosidade italiana nas décadas de 1530-40 – a última dessas sendo também marcada pelo aumento das tensões entre católicos e protestantes na dieta de Ratisbona (1541), no estabelecimento do Santo Ofício em Roma (1542) e pelo início do concílio de Trento (1545). Um contexto de dupla-face que compreende melhor o sentido original do *Benefício*, sua revisão e proibição.

O livro de Ginzburg e Prosperi é pródigo em metáforas para descrever e resumir o caminho percorrido no trabalho com o texto/documento: faca, tesoura e cola são usadas para exemplificar a metodologia empregada, enquanto a perspectiva de se trazer a cozinha para a mesa, com um frango vivo e cacarejante – e não assado com batatas fritas – significa o relato peculiar e jocoso da oficina. A proposta editorial contraria os preceitos historiográficos que incentivam a divulgar apenas os resultados finais de uma investigação, articulados em uma narrativa persuasiva e aparentemente acabada. Mas por que essa experiência merece ser relatada em 1975 e 2020 nas edições italianas, e em 2022 no Brasil?

Em primeiro lugar, louva-se a iniciativa do trabalho aberto com estudantes, fazendo aqueles momentos inesquecíveis para professores, alunas e alunos. Como vimos, a aluna Faralli – hoje professora emérita na Universidade de Bolonha – contribui decisivamente para o rumo da pesquisa então em curso. Trata-se de uma prova vívida da validade de se integrar ensino e pesquisa em história, não raro olvidada nas universidades – inclusive brasileiras – antes e após 1968. Comumente ouvimos falar do trabalho solitário dos historiadores, que se reúnem apenas em seminários e colóquios. Certo, no relato do livro há momentos de aulas dos professores devido à complexidade dos temas, e outros em que somente os dois pesquisadores mais experientes atuam. Mas destaca-se a vivência rica e o prazer do trabalho em equipe ou dupla, capaz de vencer o individualismo concorrente da contemporaneidade.

A propósito, outro ponto a ser evidenciado é o trabalho lento com as fontes, metaforizado em jogos de paciência – pouco importa se a expressão italiana se refere especificamente a quebra-cabeças. A erudição filológica, potencializando as relações intertextuais, insere-se nesse âmbito e não se conquista de súbito. Todavia, nos dias atuais o crescimento das universidades e do número de historiadores, a pressão das agências de fomento e os sistemas de avaliação acadêmica constroem a um célere movimento de pesquisas e publicações, sobretudo em periódicos eletrônicos. Neste livro salta aos olhos o benefício da prática metódica de leitura e investigação, do debate interativo relacionado ao ponto anterior, da visita constante a arquivos e bibliotecas físicas e do contato com os funcionários desses acervos. Tudo isso permite aos pesquisadores melhor lidar com o *acaso*, na caça e descoberta de pistas e indícios, nem sempre acessíveis por sistemas de busca na internet.⁹

9 MONTEIRO, Rodrigo Bentes. “Ler e compreender em revista: pesquisa histórica, cópias digitais e documentos da Época Moderna no Brasil atual”, *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 1-21, set./dez. 2023.

Com efeito, trata-se de um caso concreto de pesquisa realizada antes da digitalização massiva de fontes e da enorme facilidade de acesso à informação pela web. Muitas fontes perscrutadas no livro de 1975 provavelmente hoje se encontram disponíveis on-line e não seriam consultadas presencialmente nos acervos italianos, ou por fotocópias ou reedições – lembremos que o único exemplar a princípio existente do *Benefício* impresso em 1543 está em Cambridge e os pesquisadores só relatam consultas a uma edição póstera.

Mas esta falta de contato com o impresso original – o exemplar depositado na biblioteca do Saint John's College – é uma grande lacuna na rica experiência investigativa exposta, feita antes de avanços historiográficos sobre a materialidade e a interpretação de manuscritos e impressos. Não há no livro comentários sobre a tipografia veneziana de Bernardino de Bindoni, que tipo de livros publicava etc.; tampouco sobre as dimensões, páginas e formato do impresso de 1543. Essas análises poderiam contribuir para identificar o perfil daquela publicação, bem como do público leitor desta. Por sua vez, o livro ora resenhado não esclarece as opções da transcrição operada na edição crítica de 1972 consultada pela equipe, por exemplo se essa atualiza ou não o italiano, ou conserva os paratextos em relação ao impresso matricial e/ou ao fac-símile de 1855.

No livro brasileiro de 2022, o apêndice com o transcrito do *Benefício* apresenta a ortografia italiana atualizada e mantém a estrutura gramatical, com as notas em origem marginais sendo diagramadas nos rodapés, e os complementos da edição de Caponetto transcritos entre colchetes, seguindo o modelo italiano de 2020. Nesta transcrição, falta o introito dedicado aos leitores cristãos no primeiro fôlio, sendo este um significativo paratexto do original de 1543, aqui consultado por cópia digital.¹⁰ Tampouco se referenciou a paginação original numerada por fôlios (somente na frente) de 1 a 70, com reclamares para melhor encadernar naquele tempo de imprensa altamente artesanal. O exemplar de 1543 conta ainda com um importante sumário sem paginação no fim, com os lugares-comuns principais da obra e as localizações desses no livro, ausente na edição contemporânea em tela. A desconsideração desses aspectos condiciona a leitura e a hermenêutica. A preocupação com as formas textuais deveria incluir, além da linguagem, a expressão gráfica e o

¹⁰ TRATTATO vtilissimo del beneficio di Giesv Christo crocifisso, verso i christiani. Venetiis: Bernardinum de Bindonis, MDXXXIII (1543).

livro/texto enquanto objeto.¹¹ Entretanto, ao lembrar que a dinâmica narrada trata de um seminário realizado com estudantes universitários – conforme o subtítulo do livro –, a falta é relativamente justificada.

Por outro lado, desde a edição italiana de 2020 os dois posfácios explicitam a postura aberta dos respectivos historiadores, manifesta pela autocrítica constante e pela boa receptividade à descoberta de Maria Fallica.¹² Graças a ferramentas cibernéticas – copiar e colar no meio virtual – Fallica identifica trechos de Orígenes no *Benefício*. Embora Ginzburg e Prosperi tenham outrora negligenciado essa ponte intuída por Cesare Vasoli, reforça-se assim a interpretação proposta pelos autores de *Jogos de paciência*. O mundo cultural grego – então sob domínio romano – e mediterrânico da patrística, pelos exemplos do bispo de Constantinopla João Crisóstomo e Orígenes de Alexandria, era uma mescla de religião, filosofia, oratória e sofística, onde a presença helenística convivía com tradições judaicas, egípcias e persas. Esse mundo relaciona-se de modo quase vertical ao tempo da primeira redação do *Benefício*, antes do seu enquadramento na polémica religiosa do século XVI italiano. A literatura de inspiração neoplatônica, cujos textos completos eram então traduzidos do grego para o latim e assim impressos, fornecia um contraponto à escolástica, mais aristotélica. Erasmo, por exemplo, produziu edições de Jerônimo, João Crisóstomo, Agostinho, Orígenes e outros, depois melhoradas em círculos universitários católicos e protestantes.¹³

Em acréscimo, os textos introdutórios de Deivy Carneiro, Gil e Salvino, Bruno Feitler e Bruno Boto Leite iluminam questões de método, historiografia e contexto da obra em tela. Portanto, em contraposição ao escrito nos posfácios dos dois autores, de modo algum a metodologia em destaque no livro hoje seria limitada ou obsoleta. Embora as novas tecnologias digitais potencializem enormemente os exames intertextuais, *Jogos de paciência* continua a ser uma aula muito animada de erudição, critério e postura investigativa, sobretudo em tempos de busca solitária e entrega rápida da informação.

11 MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. Tradução Fernanda Veríssimo. São Paulo: Edusp, 2018 [1999].

12 FALLICA, Maria, “Origene pro sola de nei Beneficio di Cristo. L’antologia, patrística. Unio dissentium come fonte riformata di un’unomia auctoritas”, *Adamantium*, Roma, n. 22, 2016, p. 416-444.

13 BACKUS, Irena. “Obras dos padres e transmissão”. In: BERNARDINO, Angelo di et. al. (orgs.). *Dicionário de literatura patrística*. Tradução José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2010 [2007], p. 1271-1283, p. 1279; MORESCHINI, Claudio. *História da filosofia patrística*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013 [2004]).

Referências bibliográficas

BACKUS, Irena. “Obras dos padres e transmissão”. In: BERNARDINO, Angelo di et. al. (orgs.). *Dicionário de literatura patrística*. Tradução José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2010 [2007], p. 1271-1283.

CANTIMORI, Delio. *Eretici italiani del Cinquecento*. A cura de Adriano Prosperi. Torino: Einaudi, 2002 [1939].

FALLICA, Maria, “Origene pro sola de nei Beneficio di Cristo. L’antologia, patrística. Unio dissidentium come fonte riformata di um’unomia auctoritas”, *Adamantius*, Roma, n. 22, 2016, p. 416-444. Disponível em: <https://iris.uniroma1.it/handle/11573/1016309?mode=complete>. Acesso em 29/01/2024.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos emblemas sinais. Morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 [1986], p. 143-179.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1976].

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 [1966].

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. Tradução Fernanda Veríssimo. São Paulo: Edusp, 2018 [1999].

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. “As Reformas Religiosas na Europa Moderna. Notas para um debate historiográfico”, *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p. 130-150, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/jcnhd3XcRGMnsvLJCZkd9mb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 29/01/2024.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. “Ler e compreender em revista: pesquisa histórica, cópias digitais e documentos da Época Moderna no Brasil atual”, *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 1-21, set./dez. 2023. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/2009/1896> Acesso em: 29/01/2024.

MORESCHINI, Claudio. *História da filosofia patrística*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013 [2004].

PASQUALI, Giorgio. *Filologia e storia*. Firenze: Felice Le Monnier, 1920.

PASQUALI, Giorgio. *Storia della tradizione e critica del testo*. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 1988 [1934].

PROSPERI, Adriano. *Tra evangelismo e Controriforma. G. M. Giberti (1495-1543)*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1969.

PROSPERI, Adriano. *Tribunais da consciência. Inquisidores, confessores, missionários*. Tradução Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Edusp, 2013 [1996].

TRATTATO utilissimo del beneficio di Giesu Christo crocifisso, verso i christiani. Venetiis: Bernardinum de Bindonis, MDXXXIII (1543). Disponível em: https://www.pul.it/cattedra/upload_files/64/10305-13_Beneficio%20di%20Cristo%201543.pdf Acesso em: 11/01/2024.

Recebido em 29 de janeiro de 2024

Aprovado em 30 de janeiro de 2024

